

# Os Homens Lobos

por Artur Augusto Silva  
(Maio 1973)

## PRIMEIRO QUADRO

O juiz ordenou:

- Senhor oficial, recolha as testemunhas !

E o oficial de diligências começou encaminhando-as para a sala contígua á dos julgamentos, com certa dificuldade.

As testemunhas, incluindo o réu e o ofendido, eram da raça balanta e no seu ar bisonho e desconfiado denotavam logo pouco convívio com o branco.

— Levante-se o réu — disse o juiz — e o intérprete traduziu, o que provocou por parte do arguido um salto brusco, não fosse o branco pensar que não queria obedecer.

- Nome?

Uaná Nhante

- Casado ou solteiro?

Tem mulher

- Em que se emprega? Em que trabalha?

Lavrador

- Nome dos pais?

Bidjane e Najá

- Já alguma vez respondeu ou esteve preso?

Esteve preso na Administração de Mansoa, por ter morto um homem.

- Ha quantos anos?

Não sabe

- Então não sabe há quantos anos esteve preso?

Aqui o homem embaraçou-se, começou contando pelos dedos, repartia três de uma das mãos e três da outra e ia falando para o intérprete que, a espaços, aprovava com um aceno de cabeça. Por fim traduziu:

- Ele diz que há mais de seis chuvas.

O juiz, voltando-se para o delegado, observou:

- Não consta do certificado...

O agente do Ministério Público depois de uma leve hesitação, explicou :

- Dantes, as administrações no mandavam os boletins. A justiça lá feita lá morria. Dirigindo-se ao intérprete o juiz informou:

-Diga-lhe que até aqui ele era obrigado a responder sob pena de desobediência. Daqui por diante só; responde se quiser. Pode delegar a defesa no seu advogado oficioso. Quer responder?

Quer.

- E' verdade que ele quis matar o irmão com uma catana?

E verdade

- E porque estava bêbado?

Não, não estava bêbado.

-Então, porquê?

Repetida a pergunta ao réu, este falou, fazendo gestos estranhos, avançando com os braços estendidos e as mãos encurvadas, agachando-se e abrindo os olhos desmedidamente, emitindo sons guturais, como se estivesse representando uma pantomima.

No final da cena, o intérprete explicou:

-Ele diz que o irmão, ao anoitecer, se vira em lobo e vem perseguir as pessoas da tabanca que se atrasam nos trabalhos do campo.

O juiz deu um salto na cadeira e com ar severo, de quem não admite graças, disse:

-Advirta o réu de que neste tribunal não se brinca.

Nessa altura o advogado oficioso, mais filósofo do que advogado e que a filosofia levava a exilar-se em Africa havia mais de vinte anos, pediu a palavra para explicar que não havia, por parte do réu a mais pequena intenção de falta de respeito ao tribunal. Era assim: ele acreditava e todos os nativos acreditavam. Desconhecia S. Exa que nas aldeias, lá na Metrópole, o povo também acreditava em lobisomens?

O juiz, mais sereno, só comentava:

-É estranho! É estranho ! E isto em pleno século vinte! !...

E tem V. Exa, Sr. Dr. Juiz a certeza de que um homem não se pode transformar em lobo?!

-Mas há quaisquer dúvidas a esse respeito? inquiriu o juiz, pasmado.

Tenho-as eu, e grandes mas são contos largos que não vêm ao caso... Se V. Exa perguntar lá no seu intimo o que é a realidade, talvez encontre um princípio de resposta para esta questão.

-Então o Sr. Dr. acredita...?

Eu não disse que acreditava; eu conjecturei, quando muito.

-E' o mesmo!

Talvez... E o advogado filósofo sorria, com um sorriso miudinho que mal lhe aflorava ao canto dos lábios, e parecia conferir-lhe um ar de superioridade e desdém.

O juiz suspendeu a audiência por um quarto de hora e, já no seu gabinete, mandou chamar o advogado. Este apareceu, ainda de toga, uma toga velha, a tornar-se ruça, atestando idade e má qualidade da fazenda.

Sem mais preâmbulos, abertamente, o magistrado disse-lhe,

-Sou novato nestes casos de Africa. Estive quatro anos, como delegado, em Luanda, e lá mal contactamos com os indígenas. Nunca vi nem ouvi falar destas superstições. O que mais me espanta é que o doutor, com a sólida cultura que me dizem ter, acredite nestas balelas populares...

la a continuar, mas o filósofo interrompeu-o:

-Perdão, Sr. Dr. Juiz. Eu não disse que acreditava. Pois, se nunca sei em que hei-de acreditar; se não consegui uma revelação que me afirme «isto é», como posso acreditar? Aceito as coisas, procuro encontrar a sua razão profunda e, até hoje, não a encontrei. O que existe é tudo o que vemos, sentimos e cheiramos, e só isso, ou antes: o que vemos, sentimos e cheiramos, não será uma ilusão dos nossos sentidos?

A ciência com «c» pequeno. Bom arrimo para os que só gostam de trilhar os caminhos já percorridos...

E voltando-se de frente para o juiz:

-O que interessa neste caso é sabermos se o réu acreditava ou não que seu irmão se transformava em lobo e vinha comer as pessoas da tabanca. Se isso era uma realidade para ele, tão real como a sua presença neste julgamento. Se, psicologicamente, ele agiu nessa convicção, agiu em legitima defesa própria e colectiva ou então é juridicamente um inimputável: um caso de psicopatia a definir pelos médicos.

-E acrescentou:

Sr. Dr. Juiz: para mim, neste caso interessa a certeza da verdade do réu, desde que ela coincida com a certeza da verdade das testemunhas.

-Mas, então, vamos comtemporizar com a barbaria?

Dois mundos paralelos que, por mais que se prolonguem, não se encontram comentou o filósofo.

A audiência reiniciou-se passados momentos, com a audição do ofendido. Este explicou que havia muitos anos, já, seu irmão o via com maus olhos, que o mataria porque era feiticeiro. Que o homem que o irmão matara fora grande amigo e companheiro dele, ofendido. Que não existia qualquer razão de inimizade entre ambos.

As testemunhas afinaram pelo mesmo diapasão, acrescentando que o réu era pacato, bom pai de família e trabalhador. Matara um homem há anos, mas esse homem transformava-se em lobo e fazia mal á tabanca.

A instâncias do advogado declararam, ainda, que não havia dúvida de que o homem que ele matara se transformava em lobo. Quanto ao irmão, não podiam afirmar, mas era voz corrente que também se transformava em lobo. Um pouco mais apertadas, vieram a confessar que toda a gente sabia que o homem se transformava em lobo e era um elemento perigoso na povoação. Perguntados como é que um homem se podia transformar em lobo, foram unânimes em dizer que bastava que ele fosse inteligente e tivesse nascido no primeiro tornado depois da primeira chuva do ano.

O delegado e o advogado limitaram-se a pedir justiça. Urna porque “crime era evidente” outro, porque era impossível refazer as consciências. O réu foi condenado em três anos de prisão maior.

## **SEGUNDO QUADRO**

Na tabanca, á hora em que o Sol se esconde no horizonte e as pessoas velhas, de autoridade e conselho, se reúnem para comentar os acontecimentos do dia. E nesse dia havia acontecimentos

graves a comentar, porque tinham regressado as testemunhas do julgamento do Uaná. Mesmo aqueles mais velhos, que pela sua extrema idade já mal andavam, tinham vindo para se inteirarem de como tudo corra e saber da justiça do branco.

Taná, que fora como testemunha e, no consenso geral, era o mais avisado dos presentes, encarregou-se de contar o feito.

Taná preparou o ambiente, mandando que os circunstantes se sentassem em círculo, por forma a que, no meio, pudesse falar para todos. Acenderam-se uns molhos de palha sobre os quais puseram uns troncos de árvores e Taná começou:

-Casa onde branco faz justiça é grande e bonita. Tem muitos bancos mas ninguém se senta neles.

-Numa mesa veio sentar-se um branco velho, de boa cara, mas vestia um fato com saias, como as mulheres deles, e pôs-se a escrever. Depois entraram dois brancos - com uma capa preta e logo a seguir outros dois brancos novos, também com saias de mulher. Todos se levantaram : um deles era o dono da justiça dos brancos. O dono da justiça falou e nós fomos levados para outra casa. Eu fui o primeiro a sair dessa casa e a voltar para onde estava Uaná. O dono da justiça falava para um balanta que eles lá tinham e este perguntava-nos o que ele queria. Nós respondíamos. O dono da justiça não acreditava que um homem se pudesse transformar em lobo e perguntou-me muitas vezes se era verdade.

O tal branco que entrou primeiro, esse acreditava. Perguntou-me como era e eu dei uma resposta qualquer. Depois vi que o branco falava balanta — falava mal, mas eu percebi-o. O diabo até conhecia a nossa tabanca. Disse-me que já caçara um cavalo marinho na bolanha das palmeiras. Vocês lembram-se?

Houve uma pausa e um velho recordou que há muito tempo estivera ali um branco a caçar. Assim alto e forte, com uns vidros no nariz, até lhes tinha dado a carne do cavalo marinho...

-Já me lembro, já me lembro! — comentaram diversas vozes.

Pois devia ser esse — aquiesceu Taná, que continuou contando as diversas cenas do julgamento, procurando imitar a voz e os gestos das pessoas.

Por fim, contou que Uaná, iria ficar preso durante três anos. Fez-se um silêncio geral em que se poderia ouvir um zumbido de um mosquito. Então o mais velho dos presentes comentou:

-Estes brancos são pessoas crescidas, mas têm coisas de meninos... Então o dono da justiça dos brancos não sabia que Uaná tinha razão?

E a pergunta ficou em suspenso porque ninguém podia imaginar o que o dono da justiça dos brancos pensava.